



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



**CLUBE DO EXÉRCITO, BRASÍLIA, DF, 12 DE DEZEMBRO DE 2000**

*Senhor Ministro de Estado da Defesa, Doutor Geraldo Quintão; Senhor Ministro-Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, General Alberto Mendes Cardoso; Senhores Comandantes da Marinha, do Exército e da Aeronáutica; Senhores Oficiais-Generais,*

Alegra-me, uma vez mais, comparecer ao Clube do Exército, como Comandante Supremo das Forças Armadas. Orgulhoso de poder partilhar com os Senhores este momento, aproveito para lhes apresentar meus cumprimentos e agradecer as profícias atividades desenvolvidas neste ano que se encerra.

Apraz-me comparecer a este almoço de fim de ano, onde estão reunidos o Ministro da Defesa, os Comandantes das Forças Singulares e parte significativa dos Oficiais-Generais da ativa, dos Ministros do Superior Tribunal Militar e dos Generais que estão passando para a reserva. É uma oportunidade que tenho para um balanço do que foi feito e, principalmente, para revigorar o contato com as nossas instituições militares. Revigoramento que, nesta data, está sendo bastante expressivo, com a

promoção de quatorze Oficiais-Generais do Exército e três da Aeronáutica, que acabamos de cumprimentar.

Ao longo deste ano, procurei, dentro do possível, visitar unidades e participar de inúmeras atividades das Forças Armadas.

Destaquei idéias que julgo importantes nas palestras proferidas aos Oficiais-Generais e Oficiais Superiores da guarnição de Brasília, no auditório do Quartel-General do Exército, no mês de agosto; e aos concludentes dos cursos de Altos Estudos Militares, no auditório da Escola Naval, no fim de novembro. Muitos dos Senhores assistiram a uma ou outra dessas palestras e sabem, que como faço habitualmente, falo sinceramente e, às vezes, muitas vezes, sem nem sequer ler textos, sem ter anotações mais específicas, para deixar transparecer às nossas Forças Armadas, com clareza, quais valores me guiam, as dificuldades com as quais nós todos nos defrontamos e as soluções que estamos procurando implementar.

Creio que o dever do Presidente da República é, sempre que possível, dirigir-se de uma maneira direta, espontânea, àqueles que estão diretamente ligados a ele, como é o caso dos Oficiais-Superiores das nossas Forças Armadas.

Mas, neste ano, fui além. Em Manaus, no mês de outubro – já se referiu a isso o Ministro Quintão –, fiz a abertura da IV Conferência Ministerial de Defesa das Américas. Naquela oportunidade, pude também fazer algumas considerações sobre o papel do Brasil e a nossa concepção de defesa. Depois, fui conhecer a Base de Instrução Pedro Teixeira, do Centro de Instrução de Guerra na Selva, e pude aí pernoitar. Travei contato mais aproximado com os instrutores e monitores daquela escola. Caminhei pela selva e verifiquei as características de um ambiente tão complexo. Devo lhes dizer que é uma experiência inesquecível ter passado a noite naquela região, ter caminhado à noite pela selva, ter verificado a necessidade de uma adaptação tão extraordinária para que possamos, realmente, se for o caso, resistir a alguma necessidade de eventual ataque. Muito mais do que isso: conviver e aprender a convivência naquela região amazônica. Realmente, pude ver muito de perto aquilo que me parece seja uma

das experiências mais extraordinárias das nossas Forças Armadas, que é a capacidade de, ao mesmo tempo, absorver elementos de alta tecnologia, da cultura local e a capacidade de sobrevivência que é desenvolvida por aqueles que têm a tradição histórica de viver na selva. Se fosse dado a todos os brasileiros ter a mesma experiência, veriam o papel extraordinário que essa adaptação tecnológica e cultural permite às nossas Forças Armadas. A tal ponto extraordinária que, à noite, não se enxerga nada, como os Senhores sabem, a não ser colocando-se um equipamento para se ter boa visão noturna. E até o Presidente da República, que é chefe das Forças Armadas, acertou o alvo, ou pelo menos me disseram que acertei. Eu tinha um fuzil com raio *laser*. Não é tão difícil assim de acertar. Mas não fui verificar pessoalmente se acertei.

De qualquer maneira, é uma experiência única e mostra, realmente, o papel extraordinário que estamos desempenhando no adestramento dos nossos brasileiros dedicados à defesa da Amazônia.

Tive, naturalmente, muitas outras oportunidades de compartilhar, privando com a vida militar, a vibração, o profissionalismo também ressaltado pelo General Gleuber, as realizações, as angústias e as esperanças do cidadão fardado.

Ministro Quintão, a segurança e a defesa do Brasil não constituem responsabilidade exclusiva das Forças Armadas – e a Nação assim já percebeu, como Vossa Excelência acaba de reafirmar. Vejo com bons olhos o envolvimento de diversos segmentos de nossa sociedade na promoção de debates sobre assuntos do sistema brasileiro de defesa.

Aliás, aproveito a oportunidade para dizer, também, de forma direta, o quanto me sensibilizaram as palavras generosas do General Gleuber a meu respeito, e agradecer.

Mas o General Gleuber chamou a atenção para um fato que é verdadeiro. Defesa e segurança deixaram de ser preocupações exclusivas do segmento militar e, crescentemente, no Brasil, nas universidades, no Congresso, na imprensa, nos partidos, estamos assimilando esses conceitos, e mais do que assimilando, vendo que esses segmentos começam a participar mais intensamente na elaboração de uma política de segurança e de defesa.

Por isso mesmo, Senhor Ministro, quero parabenizá-lo pela condução dos assuntos ligados à atuação e necessidades das Forças Armadas, e muito especialmente, pelo incremento, que sei que já partiu anteriormente do Ministro que o antecedeu, mas que teve agora um novo impulso, que é a questão do Programa Calha Norte. Para a busca de uma atuação mais efetiva no Calha Norte, e também uma busca de melhor remuneração para o pessoal militar, assim como a salvaguarda das peculiaridades das Forças e ao reequipamento, que permite bem cumprirem suas missões constitucionais. Também quero felicitá-lo pelo esforço em conjunto que está sendo dirigido por Vossa Excelência nessa criação do Ministério da Defesa.

A IV Conferência Ministerial de Defesa das Américas, tão bem organizada e conduzida por sua equipe, foi marco significativo nesse processo, reafirmando o papel de destaque do Brasil no Continente Americano. De uma maneira realmente muito direta, espontânea, sem nenhuma arrogância, via-se no conjunto daqueles Ministros de Defesa e altos oficiais ali presentes, como havia um respeito ao papel construtivo que o Ministério da Defesa e as nossas Forças Armadas têm desenvolvido nas Américas.

Senhores Comandantes das Forças, Senhores Oficiais-Generais, o reequipamento de setores das Forças Armadas é minha preocupação constante. Já iniciamos o processo de renovação e espero poder continuar avançando nesse processo até o fim do meu mandato.

Na Marinha, temos um contingente na França, no porto de Brest, que recebeu o navio-aeródromo São Paulo, incorporado à nossa Ar-mada no dia 15 de novembro. Esse navio-aeródromo proporciona hoje uma dimensão nova à força de superfície da Esquadra Brasileira. Os pilotos para tripular os aviões que guarnecerão aquela belonave já estão sendo treinados e adestrados. Além disso, continuamos nossos esforços na busca de tecnologia que permita, no futuro, a construção do submarino nuclear, aumentando, com isso, nossa capacidade de defesa.

Também devo dar meu testemunho pessoal de que já estive visitando as instalações lá em São Paulo, perto de Iperó, onde se reali-

zam esses esforços, que são outro exemplo dessas realizações. É pena que cada brasileiro não tenha a mesma oportunidade de verificar, *in loco*, os avanços tecnológicos que têm sido feitos, graças à dedicação de muitos dos nossos oficiais e civis, sob o comando, no caso, da Marinha brasileira.

No Exército, estamos buscando a modernização do material de emprego militar, com o objetivo de tornar a força terrestre mais versátil, com maior mobilidade tática e estratégica, capaz de oferecer pronta resposta, em qualquer parte do nosso território e com capacidade de durar na ação, como já disse aqui, em ambientes hostis e inóspitos. Nesse sentido, quero salientar também que, embora modestamente, estamos incorporando mais helicópteros ao nosso Exército, assim como tivemos a oportunidade de fazer com os helicópteros *Black Hawk*. Também tive a oportunidade de voar em um deles e, sem entender nada de equipamento militar, percebi o poderio daquela máquina de guerra.

Agora, com o Protocolo 505, firmado entre o Brasil e os Estados Unidos da América – e o Congresso Nacional já o aprovou – vamos poder dar mais passos no nosso reequipamento, porque ele permite a transferência, a baixo custo, de material de defesa relativamente moderno para o adestramento das nossas Forças.

Na Aeronáutica, queremos fazer a substituição progressiva das nossas aeronaves, pois este é o momento de iniciá-la. Hoje mesmo, espero que o Senado aprove os recursos para a modernização dos F-5. Vamos levar adiante esse projeto. Creio também que tem sido recompensador o esforço para a implantação do Sipam-Sivam, projeto essencial, não só para a proteção do nosso espaço aéreo, mas também para o conhecimento e desenvolvimento da Região Amazônica, em suas múltiplas aplicações. O Sivam está ganhando forma. Pude verificar isso porque visitei as instalações do Centro de Coordenação, em Manaus. Agora, temos que concentrar esforços no Sipam, para que o seu cronograma de atividades seja retomado. E precisamos também entender que o Sivam-Sipam vai constituir um marco. É um verdadeiro marco. Muda a qualidade do nosso conhecimento da informação, não apenas em

benefício da Aeronáutica e do controle de tráfego aéreo, mas do desenvolvimento regional. É uma obra extraordinária.

Quem vai a Manaus vê, como também tenho visto, esparramado pelo Brasil afora, como vi recentemente, em Rio Branco, perto do aeroporto que existe em Rio Branco, no Acre, e em vários outros pontos do Brasil, a teia que constitui o projeto Sivam-Sipam e se orgulha de ver que estamos, realmente, mudando o patamar tecnológico que vai ser posto – já está sendo posto e o vai ser mais e mais – à disposição não apenas das Forças Armadas, mas do País, para permitir um avanço de informação quanto a solo, quanto à temperatura, quanto a chuvas, quanto a uma enorme quantidade de informações. E quem sabe, no futuro, seja possível até sonhar uma expansão no projeto para todo o território nacional, não apenas a relação com os Dacta e com o Controle do Tráfego Aéreo, mas com o escopo que lá está presente de um conjunto de informações muito mais detalhadas, que permitam ações de governo mais eficazes.

Também estamos, no caso da Aeronáutica, levando o esforço para a meta do programa espacial, aprimorando o Veículo Lançador de Satélites e enfatizando a parceria com outras Nações para o uso de nossas privilegiadas bases de lançamento de foguetes. Sabem todos ou pelo menos alguns presentes que também me envolvi pessoalmente para a obtenção das condições que, finalmente, ocorreram para que pudéssemos transformar a base de Alcântara em uma base efetivamente utilizável, que terá vantagens estratégicas e financeiras muito grandes.

Portanto, estamos empenhados na recomposição da base mínima do material de emprego militar e também sabemos que não podemos ficar totalmente dependentes da indústria estrangeira. Devemos revigorar a produção nacional, que sofreu forte declínio na última década. Essa vulnerabilidade deve ser evitada.

O General Gleuber sabe do meu empenho também em algumas ações específicas para evitar que percamos vantagens necessárias, comparativas na produção de material bélico. Não é fácil, mas precisamos continuar assim.

No campo da defesa externa, em face das novas ameaças à segurança dos Estados, o Brasil vem realizando intercâmbio de inteligência e estreitando a cooperação regional e continental, tudo de acordo com as atuais necessidades e respeitando – é bom que se frise – a autodeterminação de cada país.

Continuamos a participar de forma ativa nas operações de manutenção de paz da ONU. Atualmente, nosso maior efetivo, que não é grande mas é importante, está no Timor Leste, pois não poderíamos deixar de apoiar o esforço de reconstrução daquela Nação irmã, onde a presença brasileira é determinante nos rumos a seguir pela sociedade timorense, motivo pelo qual já marquei uma viagem para lá. Se tudo der certo, no fim de janeiro, irei pessoalmente ao Timor Leste. Devo-lhes dizer que, além de termos um brasileiro coordenando as ações da ONU, além de termos uma presença militar, temos também uma participação crescente por intermédio de programas do Comunidade Solidária de alfabetização. Estamos, agora, nos preparando para a questão da ajuda médica. Enfim, estamos, ativamente, participando da reconstrução dessa Nação irmã.

Como bem disse o General Gleuber, os tempos têm sido difíceis e o povo brasileiro é testemunha do gigantesco esforço de superação que vem sendo promovido pelas Forças Armadas para atenuar os efeitos da redução orçamentária. Não é incomum nos depararmos com reivindicações justas e oportunas, cabendo ao chefe o difícil dever de estabelecer prioridades, algumas vezes dizendo “não”, em uma conjuntura em que as disponibilidades estão longe de atender às necessidades. E nada mais dói ao chefe do que dizer “não” por impossibilidade, quando a demanda é justa e o recurso é insuficiente.

No que tange às atividades das Forças Armadas, é primordial continuarmos aperfeiçoando os esforços do Estado brasileiro na prevenção e na luta contra as drogas ilícitas e atividades criminosas transfronteiriças ou correlatas, que estão desafiando a segurança e a estabilidade do Continente Sul-Americano. Precisamos estar atentos às nossas fronteiras e intensificar a ação de presença para garantir a integridade do território nacional.

Não visualizo a participação das Forças Armadas no combate direto aos narcotraficantes e delitos conexos; mas considero prioritário prover recursos ao Programa Calha Norte, propiciando, dessa forma, que o aumento da presença do Estado brasileiro no extremo norte do País seja fator de dissuasão de pretensões que possam ameaçar a segurança e a soberania nacionais.

Sem descuidar, naturalmente, de suas atividades precípuas, parcelas das Forças Armadas, presentes em todo o território nacional, vêm contribuindo, com grande eficiência, nos programas de preservação do meio ambiente, na contenção de pestes animais – como no combate à febre aftosa no Mato Grosso do Sul – no combate às secas e às enchentes. Vi, pessoalmente, a ajuda prestada à população do Sul de Minas Gerais, no início deste ano. Merecem destaque, também, no Nordeste e na Amazônia, a presença das Forças Armadas e sua participação na construção de estradas, açudes, poços artesianos, distribuição de alimentos e água, nas campanhas de vacinação, no atendimento médico-odontológico, nos pelotões de fronteira e unidades hospitalares. Pode parecer que isso não é uma função direta das Forças Armadas, mas um país como o nosso, que precisa do esteio do Estado e conta com as Forças Armadas, vê nesse tipo de atividade algo de muito significativo, que permite algo mais importante do que o fato em si: é o reconhecimento pela sociedade desse tipo de disposição que têm as Forças Armadas.

Quando estive visitando as zonas assoladas pelas enchentes, em Alagoas e em Pernambuco, a primeira idéia que vinha a todos com os quais falei era pedir apoio às Forças Armadas, porque sabem que contam com um apoio pronto, eficiente e desprendido.

Também, nesse contexto, eu queria salientar aqui que criamos, recentemente, o Fust – Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações, que poderá ampliar uma infra-estrutura de comunicações mais adequada aos pelotões e hospitais militares da fronteira e dará maior capacidade tecnológica nas atividades desses setores, favorecendo, assim, as comunidades de brasileiros que gravitam em torno dos destacamentos das Forças Armadas localizados

em regiões inóspitas, que formam lá verdadeiros núcleos de segurança e cidadania.

O Fust é o imposto que se cobra das empresas que foram privatizadas na área de telecomunicações. E ele terá um montante de, mais ou menos, 1 bilhão de reais, que deve ser destinado precisamente à difusão dos meios de comunicação, à universalização do acesso à telefonia, mas, tão ou mais importante do que isso, aos computadores e à ligação desses computadores à Internet, que distribuiremos. Já distribuímos, neste ano, 25 ou 30 mil unidades nas escolas públicas. Nos próximos dois anos, creio, serão mais 80 mil unidades de computadores e pessoas treinadas para usá-los, de tal maneira que vamos evitar o que se chama a brecha digital, o *gap* que se forma entre aqueles que sabem manejar os computadores e os que não sabem. E, para isso, estamos utilizando os recursos da privatização para generalizar o acesso a esse instrumental. E certamente, as Forças Armadas, sobretudo nessas áreas mais remotas dos pelotões de fronteira, vão se beneficiar desse programa.

Mas também quero tratar de outro assunto de igual relevância. Trata-se da questão salarial. Já aprovei a forma final da nova lei de remuneração dos militares. E decidi também implementar em duas parcelas, uma agora, em 1º de janeiro de 2001, e outra depois, em 2002, em vez das quatro que chegamos a cogitar inicialmente. Trata-se de uma lei moderna e técnica, reestruturando completamente as carreiras militares, que se alinharia, assim como as mais importantes carreiras do Estado do Governo Federal. Vamos ter o mesmo tipo de alinhamento e o mesmo nível de carreiras de Estado, no nível que corresponde, em primeiro plano, às nossas Forças Armadas. É certo que algumas contribuições foram elevadas e alguns direitos revistos, mas com integral respeito aos direitos adquiridos. E isso, naturalmente, nem de longe, diminui o impacto e a relevância que essa nova lei trará para a família militar.

A nova Lei de Responsabilidade Fiscal obriga-me à identificação das fontes necessárias para cobrir o impacto financeiro dessa importante medida. Mas quero assegurar que esse é um problema do Presi-

dente da República e que será resolvido a tempo de editarmos a medida, ainda neste ano.

Para que os Senhores e as Senhoras possam avaliar o seu impacto e concordar com o entendimento de que se trata de uma medida de elevado alcance, estou autorizando o Ministro da Defesa a divulgar o texto da medida provisória, logo, em caráter preliminar, para que todos tomem conhecimento dele.

Não foi fácil chegar a esse resultado. Os Senhores ouviram os ecos do processo que, muitas vezes, chegam de forma distorcida. Em nenhum momento, entretanto, tive dúvida sobre a necessidade da medida. Prometi e estou cumprindo, porque a reconheço como justa, correta e urgente.

Finalmente, lançando o olhar para o futuro, devemos trabalhar no sentido de construir e consolidar a paz social no território brasileiro e cooperar para tê-la no Continente Americano e no mundo. Reafirmamos o nosso respeito aos princípios e normas do Direito Internacional, à autodeterminação dos povos, à não-intervenção, à solução pacífica dos conflitos e ao direito de autodefesa.

Assim como no passado, continuaremos a buscar a cooperação e o intercâmbio regionais, sem, no entanto, desrespeitarmos as peculiaridades de cada país.

Quero encerrar agradecendo a todos o que fizeram neste ano em prol do engrandecimento e da paz da Nação brasileira.

Quero também, muito sinceramente – e é verdadeiro –, agradecer o apoio efetivo que tenho recebido de todos, do Ministro da Defesa, dos comandantes militares, das várias unidades militares, quando as percorro pelo País afora, o sentimento que se percebe de respeito, que é recíproco e da vontade, que é comum, de fazermos o possível e o impossível para que o nosso Brasil caminhe e prospere sempre.

Termino, portanto, desejando um feliz Natal a cada um dos presentes, aos seus comandados, mas sobretudo a seus familiares e que, se é verdade que o ano de 2000 já foi melhor para o Brasil do que o ano anterior, que o ano de 2001 seja ainda melhor do que o ano de 2000 e que nós, por isso mesmo, com esse espírito de irmandade, de

sinceridade, de gratidão de minha parte, brindemos à felicidade das nossas famílias. Agradeço as referências que foram feitas a Ruth.

E brindemos também ao novo milênio, para que no novo milênio a projeção de grandeza e de poder que sei que está no coração de cada um de nós, brasileiros, se realize e que o Brasil continue a ser e seja cada vez mais um país respeitado, amado pelo seu povo e querido por todo mundo.

Muito obrigado.